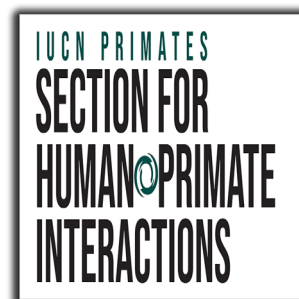




Diretrizes de Boas Práticas para Imagens Responsáveis de Primatas Não-Humanos

Uma publicação da Secção de Interações Humano-Primatas do Grupo da IUCN Especialista em Primatas



Siân Waters, Joanna M Setchell, Laëtitia Maréchal, Felicity Oram, Janette Wallis & Susan M Cheyne

Com contribuição de: Brooke Aldrich, Sherrie Alexander, Liana Chua, Tara Clarke, Malene Friis Hansen, Carolyn Jost-Robinson, Kimberley Hockings, Marni LaFleur, Lucy Radford, Erin Riley, Amanda Webber

Introdução

Fotos ou vídeos (doravante imagens) podem chamar a atenção de milhões de pessoas para a conservação e o bem-estar dos primatas não humanos (doravante primatas). No entanto, se o contexto das imagens for impróprio, pouco claro ou perdido, as pessoas podem tirar conclusões erradas sobre o conteúdo. Essas conclusões equivocadas podem ter consequências negativas não intencionais para o bem-estar e a conservação dos primatas (Aldrich 2018; Wallis 2018; Norconk *et al.* 2019). O potencial para a disseminação de imagens sem contexto apropriado é um problema particular nas redes sociais.



Em muitos países, os primatas são ilegalmente capturados na natureza e usados como foto-adereços em turismo (Osterberg & Nekaris 2015; LaFleur *et al.* 2019; Norconk *et al.* 2019). Os adultos são frequentemente mortos de forma a obter um primata juvenil para usar como foto-adereço. Os dentes dos primatas podem ser removidos para impedi-los de morder. Um indivíduo de primata(s) numa imagem pode estar extremamente stressado. Por exemplo, primatas noturnos, como o slow loris, são extremamente suscetíveis à exposição da luz do dia e de lanterna quando usados como adereços (Nekaris *et al.* 2015). Turistas e expatriados geralmente compram estes primatas, seja como animais de estimação ou na esperança de “salvá-los” (Bergin *et al.* 2019; Osterberg & Nekaris 2015; LaFleur pers. obs.; Setchell pers. obs.). Além disso, em países com e sem áreas de distribuição, empresas sem escrúpulos criam animais selvagens “exóticos”, incluindo grandes macacos, como foto-adereços (Aldrich 2018). Assim que esses animais se tornam muito grandes ou fortes para serem manuseados com segurança, eles são eliminados ou armazenados. Esses animais são frequentemente mantidos em condições precárias, as quais o público pode desconhecer ou ignorar (Agoramoorthy & Hsu 2005; Reuter & Schaefer 2016).

Aqueles com maior acesso aos primatas, como primatologistas profissionais e estudantes, conservacionistas, voluntários e cuidadores de animais em zoológicos, centros de resgate e santuários, funcionários de agências governamentais e guias turísticos (doravante mensageiros) têm um papel fundamental a desempenhar na transmissão de mensagens adequadas sobre primatas. É igualmente importante que doadores, apresentadores conservacionistas influentes, celebridades do cinema e da televisão, funcionários do governo e produtores dos media também apresentem um comportamento apropriado em relação aos primatas. Afinal, o sucesso de transmitir informações sobre primatas depende de como a mensagem é percebida e não da intenção do mensageiro.

Aqui, explicamos por que todos os mensageiros mencionados acima devem reconsiderar o nosso uso coletivo de imagens especialmente quando perto ou a pegar em primatas. Em conclusão, fornecemos diretrizes para reduzir os custos potenciais de imagens de primatas para primatas, seu bem-estar e conservação *in e ex situ*.

Os problemas com imagens de pessoas muito próximas de primatas

Imagens de pessoas com primatas distorcem a compreensão pública dos primatas

Imagens de humanos a pegar em primatas nas redes sociais influenciam negativamente as percepções públicas dos primatas (Ross *et al.* 2011; Nekaris *et al.* 2013; Leighty *et al.* 2015; Clarke *et al.* 2019). Imagens de pessoas a segurar ou fisicamente muito perto de primatas dão a falsa impressão de que tocar em primatas não é fisicamente perigoso, não representa risco para a saúde de humanos ou primatas e que os primatas são animais de estimação apropriados. Esses comportamentos podem levar as pessoas a perceber que os primatas são meras fontes de entretenimento e, assim, subestimar seu valor de biodiversidade e estado de ameaça, o que pode então, debilitar os esforços de conservação, especialmente em países de distribuição (Ross *et al.* 2008; Schroepfer *et al.* 2011; Leighty *et al.* 2015, Morrow *et al.* 2017; Aldrich 2018).

Imagens de pessoas muito perto de primatas podem levar a diferentes interpretações entre as culturas

Embora algumas culturas sejam separadas da natureza e tendam a traçar uma linha divisória clara entre ‘humanos’ e ‘natureza’, ou ‘vida selvagem’, muitas outras não o fazem, e as pessoas podem não necessariamente perceber os primatas como animais ‘selvagens’, especialmente em países de distribuição (Aldrich 2018). Podemos esperar que as interpretações das imagens variem com as relações e interações que as pessoas têm com os primatas. Por exemplo, as percepções em relação a primatas variam muito entre residentes rurais e urbanos (Franquesa-Soler & Serio Silva 2017; Ceballos-Mago & Chivers 2010). Essa variação na percepção significa que a mensagem que desejamos transmitir com uma imagem da perspectiva de uma cultura ou região pode não ser a mensagem que as pessoas recebem noutra.

Imagens de mensageiros com primatas podem fazer com que o público em geral queira obter as suas próprias imagens muito próximos dos primatas

Imagens de veterinários, cuidadores, apresentadores de vida selvagem, celebridades, voluntários ou turistas a acariciar ou a alimentar primatas em centros de reabilitação geram o desejo de fazer o mesmo no público em geral. Obter fotos de si mesmos perto da vida selvagem (incluindo primatas) sem nenhuma barreira física perceptível ou impermeável entre ambos tornou-se uma forma popular de capturar, compartilhar e validar experiências de viagem (Shutt 2014). Essas imagens prejudicam as mensagens locais de combate à caça furtiva, a não mantê-los como animais de estimação e à conservação, mostrando precisamente as formas de contato entre humanos e primatas que centros de resgate, santuários, ONGs e agências governamentais realmente trabalham para desencorajar. Além disso, fotos de primatologistas a tratar de primatas podem provocar as comunidades locais, que às vezes entendem que os conservacionistas se preocupam mais com os animais do que com as pessoas (Meijaard & Sheil 2008; Waters *et al.* 2018).

Conclusão

Como pessoas preocupadas com a conservação e o bem-estar dos primatas, temos a responsabilidade de considerar as consequências diretas e indiretas de publicar imagens nossas perto de um primata (Wallis 2018). Imagens de primatas com pessoas nos meios de comunicação populares diminuem as percepções públicas apropriadas sobre primatas, aumentam o potencial para mal-entendidos interculturais, aumentam as interações inadequadas com primatas que podem diminuir o bem-estar e esforços de reabilitação, e diminui os esforços de conservação dos primatas em todos os contextos. Os efeitos negativos de publicações de tais imagens podem, portanto, superar os efeitos positivos, e devemos aplicar o princípio da precaução, dada a extensão da crise de extinção.

Simplificando, **ser mensageiros responsáveis por primatas significa que temos o dever de não postar imagens nossas perto de primatas nas redes sociais, as quais podem ser facilmente recirculadas fora do contexto e mal interpretadas**. Isto inclui aqueles de nós que ensinam, participam em reuniões, trabalham nos media e aumentam a sensibilização sobre a conservação dos primatas. Aplica-se a todos que trabalham com ou para primatas, mas é especialmente para aqueles de nós que são bem conhecidos pelo nosso trabalho com primatas devido à nossa capacidade de influenciar a percepção do público sobre os primatas.

Fornecemos as seguintes diretrizes para reduzir os custos potenciais das imagens de primatas para primatas, seu bem-estar e conservação *in e ex situ*.

Diretrizes de melhores práticas para imagens responsáveis de primatas

- Certifica que tu e/ou a tua organização têm um código de conduta em relação à disseminação de imagens por funcionários, estudantes e voluntários. Onde for relevante, certifica que os departamentos de marketing e relações públicas ou qualquer voluntário de comunicação estejam totalmente informados sobre o código.
- Aqueles que não têm controlo sobre TODAS as imagens de si mesmos, como pessoas célebres cujas imagens estão no domínio público há algum tempo, devem oferecer uma imagem diferente e explicar por que a imagem original é problemática. Estas pessoas também têm a oportunidade de fazer uma declaração pública para explicar a sua posição atual.
- Promove a educação explicando as questões relacionadas com as imagens de pessoas próximas de primatas para a conservação e bem-estar dos primatas no teu website ou no da tua organização, publicações, programas, apresentações e visitas guiadas.
- Onde for relevante, exemplifica o comportamento apropriado fotografando pessoas fora dos recintos de primatas cativos (a menos que os primatas não sejam cativos mas estejam em liberdade), em vez de dentro.
- Não publiques fotografias de primatas nos braços de um cuidador. Substitui-as por fotos de primatas sozinhos ou com indivíduos da mesma espécie.
- Não publiques fotografias de primatas a serem alimentados com as mãos, a brincar ou a interagir diretamente com cuidadores, voluntários ou doadores, a menos que os humanos usem equipamento de proteção pessoal adequado.
- Assegura uma distância mínima de 7 m/23 pés entre a pessoa e o primata em imagens de humanos com primatas selvagens, que são publicadas publicamente.
- Em imagens que promovam a primatologia como profissão, certifica-te de que o contexto seja óbvio, ao incluir a tua máscara, binóculos, bloco de notas ou equipamento semelhante na imagem e explica o contexto.

Referências

- Agoramoorthy G & Hsu MJ. 2005. Use of nonhuman primates in entertainment in Southeast Asia. *Journal of Applied Animal Welfare Science* 8:141-149.
- Aldrich BC. 2018. The use of primate actors in feature films 1990-2013. *Anthrozoos* 31:5-21.
- Bergin D, Atoussi S & Waters S. 2018. Online trade of Barbary macaques *Macaca sylvanus* in Morocco and Algeria. *Biodiversity and Conservation* 27:531-534.
- Ceballos-Mago N & Chivers DJ. 2010. Local knowledge and perceptions of pet primates and wild Margarita capuchins on Isla de Margarita and Isla de Coche in Venezuela. *Endangered Species Research* 13:63-72.
- Clarke TA, Reuter KE, LaFleur M & Schaefer MS. 2019. A viral video and pet lemurs on Twitter. *PLoS ONE* 14(1): e0208577.
- Franquesa-Soler M & Serio-Silva JC. 2017. Through the eyes of children: Drawings as an evaluation tool for children's understanding about Endangered Mexican primates. *American Journal of Primatology* 79: DOI.10.1002/ajp.22723.
- LaFleur M, Clarke TA, Reuter KE, Schaefer MS & terHorst C. 2019. Illegal trade of wild-captured *Lemur catta* within Madagascar. *Folia Primatologica* 90:199-214.
- Leighty KA, Valuska AJ, Grand AP, Bettinger TL, Mellen JD, Ross SR, Boyle P & Ogdén JJ. 2015. Impact of visual context on public perceptions of non-human primate performers. *PLoS ONE* e0118487.
- Morrow KS, Jameson KA & Trinidad JS. 2017. Primates in film. In *The International Encyclopaedia of Primatology* (eds M Bezanson, KC MacKinnon, E Riley, CJ Campbell, KAI Nekaris, A Estrada, AF Di Fiore, S Ross, LE Jones-Engel, B Thierry, RW Sussman, C Sanz, J Loudon, S Elton & A Fuentes). DOI:10.1002/9781119179313.wbprim0350
- Meijaard E & Sheil D. 2008. Cuddly animals don't persuade poor people to back conservation. *Nature* 454:159. <https://www.nature.com/articles/454159b.pdf>
- Nekaris KAI, Musing L, Vazquez AG & Donati G. 2015. Is tickling torture? Assessing welfare towards slow lorises (*Nycticebus* spp.) within Web 2.0 videos. *Folia Primatologica* 86:534-51.
- Nekaris KAI, Campbell N, Coggins TG, Rode EJ, Nijman V. 2013. Tickled to death analysing public perceptions of "cute" videos of threatened species (slow lorises – *Nycticebus* spp.) on Web 2.0 sites. *PLoS ONE* 8(7):e69215.
- Norconk MA, Atsalis S, Tully, G, Santillan AM, Waters S, Knott CD, Ross SR, Shanee S & Stiles D. 2020. Reducing the primate pet trade: Actions for primatologists. *American Journal of Primatology* DOI.org/10.1002/ajp.23079.
- Osterberg P & Nekaris KAI. 2015. The use of animals as photo props to attract tourists in Thailand: A case study of the slow loris (*Nycticebus* spp.). *Traffic Bulletin* 27:13-18.
- Reuter KE & Schaefer MS. 2016. Captive conditions of pet lemurs in Madagascar. *Folia Primatologica* 87:48-63.
- Ross SR, Lukas KE, Lonsdorf EV, Stoinski TS, Hare B, Shumaker R & Goodall J. 2008. Inappropriate use and portrayal of chimpanzees. *Science* 319:1487 DOI 10.1126/science.1154490.
- Ross SR, Vreeman VM, Lonsdorf EV. 2011. Specific image characteristics influence attitudes about chimpanzee conservation and use as pets. *PLoS ONE* 6:e22050.
- Schroepfer KK, Rosati AG, Chartrand T & Hare B. 2011. Use of "entertainment" chimpanzees in commercials distorts public perception regarding their conservation status. *PLoS ONE* 6:e26048.
- Shutt K. 2014. An interdisciplinary risk assessment of gorilla ecotourism. PhD, Durham University. Available at <http://etheses.dur.ac.uk/10586/>
- Wallis J. 2018. The role of tourism in securing a sustainable existence for primates. In *Primatology, Biocultural Diversity and Sustainable Development in Tropical Forests*. UNESCO.
- Waters S, Watson T, Bell S & Setchell JM. 2018. Communicating for conservation: circumventing conflict with communities over domestic dog ownership, North Morocco. *European journal of Wildlife Research* 64:69 doi: 10.1007/s10344-018-1230-x.

Agradecimentos

Estamos em dívida para com a Ouwehand Zoo Foundation, Holanda, pelo seu apoio ao cargo da Siân Waters no desenvolvimento destas diretrizes. Estamos gratos a Pravind Segaran, UMS / Pongo Alliance, Sabah, Malaysia pelos gráficos e Janette Wallis pelo layout. Agradecemos aos membros do Conselho Executivo do PSG e Linda May da Arcus Foundation pelos comentários sobre uma versão anterior das diretrizes. Laëtitia Marechal gostaria de agradecer ao Barbary Macaque Project, da University of Lincoln, no Reino Unido, e ao Ifrane National Park, Marrocos. Agradecemos à Paula Joana Fernandes pela tradução destas diretrizes para português.

